

A COLÔNIA DE SÃO LOURENÇO

(Um capítulo pouco estudado da colonização alemã
no Rio Grande do Sul)

Hilda Agnes Hübner Flores

São Lourenço foi a mais meridional das colônias alemãs que o Governo incentivou no raio da segunda metade oitocentista, visando povoar vazios demográficos da Província.

Distanciada dos vales dos rios Sinos e Taquari e da Encosta da Serra, onde medraram inúmeras colônias teutas, São Lourenço localiza-se no sudeste do Estado, na Serra dos Tapes, uma extensa região de mata virgem então integrante do território municipal de Pelotas. Com a criação do município de São Lourenço, em 1884, a região passou à jurisdição deste último.

Fundada por Jacob Rheingantz em 1856, em pouco tempo os imigrantes de fala alemã e seus descendentes dominaram a selva, transformando-a em região próspera que muito contribui para o desenvolvimento da agricultura, comércio e indústria. Parte da região das matas primitivas é hoje conhecida como a "zona do pês-sego", concorrendo significativamente para a qualidade e a fama de que goza a indústria de laticínios pelotense. Desde a época dos primeiros povoadores há esboço de diversos tipos de atividades industriais, que se desenvolveram num pioneirismo cronológico desde as décadas de 1870 e 1880.

O entrosamento da colônia teuta com a fechada e aristocrática sociedade pelotense, formada por elemento luso oriundo em grande parte de latifúndios e charqueadas, desenvolveu-se num decurso prolongado, efetivando-se somente no século XX.

Apesar do isolamento com as demais colônias teutas do Estado, São Lourenço orgulha-se de ser uma região rica e progressista, atestando a validade da obra pioneira de Rheingantz, nos idos de 1856.

O fundador da Colônia: dados biográficos. Por ocasião do

centenário da fundação da Colônia de São Lourenço foi publicada obra comemorativa que permite um retrospecto do desenvolvimento daquela empresa de iniciativa de Jacob Rheingantz.¹ Nascido em Sponhein, Renânia, a 13 de agosto de 1817, Jacob integrou a família Rheingantz, cujas raízes remontam ao século XVI, radicada nas localidades de Bacharad, Steeg, Rheinbolden e Sponhein, entre os rios Reno e Mosela.

Os pais de Jacob, João Guilherme Rheingantz e Ana Maria Klitz, casaram em 11 de janeiro de 1812. Jacob foi o quarto dos 12 filhos do casal. Adolescente ainda, empregou-se na firma do fabricante e comerciante de vinhos Josef Stock, em sua aldeia natal. Espírito irrequieto, aos 22 anos emigrou para a França, onde por um ano trabalhou na firma comercial Veuve Clicquot, do ramo vinícola. Em 1840, em Havre embarcou no navio Christophe Colomb rumo a Nova York onde morava seu irmão Henrique; ao chegar, soube a triste notícia de que este havia falecido.

Em 1843 embarcou no navio Delamare rumo ao Brasil, acompanhando o pequeno vapor Rio-Grandense que a Firma Ziegenbein adquirira na Filadélfia, para a navegação costeira entre Pelotas e Rio Grande. Fixou residência nesta última cidade portuária, trabalhando para a Firma Ziegenbein. Em 1846, a seu convite, imigrou o irmão Felipe, quatro anos mais velho que Jacob.

Em 9 de setembro de 1848 casou em Rio Grande com Maria Carolina von Fella, nascida em 27 de fevereiro de 1829 e enteada de seu patrão, Guilherme Ziegenbein. Pelo casamento tornou-se sócio da Firma do sogro, que passou a gerenciar em Pelotas, cidade onde nasceram 5 filhos do casal: Carlos Guilherme (1849), Te-reza Guilhermina (1851), Frederico Guilherme (1853), Maria Angélica (1854) e Alfredo Jacob (1856). Os quatro mais jovens, Henrique Francisco, Luiz Valentin, Ernesto Eduardo e Oscar Felipe,² nasceram na Colônia de São Lourenço, fundada pelo imigrante em 1857.

Aos 66 anos de idade, após 34 anos de permanência no Brasil, 20 dos quais dedicados ao desenvolvimento da Colônia que fundou, Jacob Rheingantz faleceu em Hamburgo, Alemanha, a 15 de julho de 1877.

Projeto de colonização. Embora próspero sócio-gerente da Firma Ziegenbein, Rheingantz sonhava com empresa colonizadora, iniciativa que contava com apoio oficial, pois ao governo interessava a ocupação efetiva da terra e o desenvolvimento da agricultura.

Em 30 de dezembro de 1856, no Rio de Janeiro, Jacob Rheingantz firmava contrato com o Império, adquirindo 8 léguas de terras devolutas (52.000 hectares), a meio real a braça quadrada. Comprometia-se a dividir estas terras em lotes rurais de 100 x 1000 braças (220 x 2200), povoando-as dentro de 5 anos com imigrantes alemães, suíços ou belgas, num total de 1440 famílias. O Governo Imperial pagaria o subsídio de 15\$000 por imigrante entre 10 e 45 anos de idade, e 10\$000, por criança entre 5 e 10 anos.

Para reforçar seu próprio capital proveniente da venda de sua parte na Firma Ziegenbein, Rheingantz tentou constituir uma sociedade colonizadora, mas as subvenções foram poucas. Contraiu então empréstimo com o Cel. José Antonio de Oliveira Guimarães, de tradicional família de São Lourenço, e viajou à Europa em busca de povoadores para sua Colônia.

Em 18 de dezembro de 1857 assinou adendo ao contrato imperial: a medição dos lotes rurais corria por conta do empresário, que receberia 140 réis por braça linear medida, cabendo ao Governo Provincial verificar a exatidão das plantas. O valor do subsídio passou a 30\$000 para adultos e 20\$000 para crianças. Mesmo assim não cobria os gastos do empresário, que pagava 30 táleres prussianos (99\$900) por adulto e 22 táleres (73\$000) por criança de um a 10 anos. A diferença entre o custo da viagem e o subsídio do Governo, Rheingantz adiantava aos imigrantes, cobrando-a posteriormente.

... Início de Povoamento. Em maio de 1857 Rheingantz firmou contrato em Hamburgo com o agenciador de imigrantes Wilhelm Hühn & Cia., que a 31 de outubro do mesmo ano embarcou os primeiros 88 colonos no navio Twee Vrieden, assegurando ao capitão W. Nordhook tratar-se de gente ordeira, sem nenhuma passagem pela polícia de sua pátria. Hühn foi substituído pelos agentes Milberg & Engetrön e R. O. Bobedanz, este a ocupar o cargo em 1877, quando do falecimento de Rheingantz.

Em dezembro de 1857 o empresário trouxe consigo da Europa os pais, com 69 e 67 anos de idade e as irmãs Margarida, Maria, Ana e Elizabeth. Todos fixaram residência na emergente Colônia de São Lourenço, à qual Jacob dedicou toda a sua fortuna e todo o seu esforço. Na confluência das Picadas Moinho e Boa Vista construiu ampla residência da família, que acumulava as funções de sede administrativa da Colônia. Em 1940 este solar foi transformado em museu, com acervo referente à Colônia e à família Rheingantz.

A maioria dos povoadores da Colônia procederam da Pomerânia, ao norte da Europa, região de latifúndio, onde, como servos de gleba, estavam afeitos ao serviço da lavoura. Era gente pobre em sua maioria, e receberam adiantamento de viagem e ajuda monetária de Rheingantz. Em 31 de julho de 1861, por exemplo, no porto de Hamburgo, 12 famílias emigrantes receberam adiantamento de 1.626 táleres e meio, pelo que assinaram compromisso perante o agente Wilhelm Hühn, de seguirem à Colônia de São Lourenço tão logo chegassem ao porto de Rio Grande. A dívida devia ser saldada dentro do prazo de dois anos, após o que corria o juro de 6% ao ano sobre o saldo. Idêntica fórmula de pagamento coincidia sobre os lotes rurais, adquiridos por 300\$000. Este preço subiu ao longo dos anos, atingindo 600\$000 no ano da morte do fundador.

Os primeiros imigrantes. A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros dá uma relação dos pioneiros chegados a São Lourenço a 18 de janeiro de 1858.³ COARACY, obra já citada, dá esta relação acrescida de alguns nomes, num total de 88 pessoas — 15 famílias e 14 solteiros — que se fixaram nas Picadas Moinhos e São Lourenço:

Johann Dietrich, com esposa,
 Johann Link, com esposa e dois filhos,
 Peter Ricker, com esposa e cinco filhos,
 Ignaz Dilly, com esposa e quatro filhos,
 Johann Peil, com esposa e seis filhos,
 Wilhelm Wulf, com esposa e quatro filhos,
 Tr. Nachtigal,
 Peter Dietrich,
 Christian Bohrer e
 Carl Jörg — todos naturais de diversas localidades prussianas;
 Gottlieb Helinh, com esposa e três filhos,
 Wilhelm Zibell, com esposa e cinco filhos — pomeranos;
 H. P. Hadler, com esposa e dois filhos,
 J. P. Hadler, com esposa e três filhos,
 J. H. H. Nebel, com esposa e três filhos — de Hamburgo;
 Philipp Neutzling, com esposa e dois filhos,
 Peter Neutzling,
 P. Hoffmann — de Sponheim, Renânia, terra natal do empresário;
 Andreas Haase, com esposa e um filho — da Saxônia;
 Wilhemina Schaefer — de Altona;
 A. Gravermann — de Hannover;
 Johann Lande ou Lange — de Holstein;

G. Bernhardt — de Osterfeld e
W. Schröder — de Lübeck.

Segundo o álbum centenário da imigração alemã, esta primeira leva, na maioria renanos, não alcançou o êxito almejado no que tange à colonização, por haver entre eles apenas 5 pessoas afeitas às lides campesinas em sua pátria, ao lado dos quais havia: 5 sapateiros, 2 funileiros, 2 encardenadores, 1 técnico, 1 padeiro e 1 lapidador de ágata. Em 1879 apenas 5 destes primeiros imigrantes permaneciam em São Lourenço: 2 dos camponeses, 1 dos sapateiros, 1 funileiro e o padeiro. O maior êxito a Colônia alcançou a seguir, com a chegada dos pomeranos, ex-servos habituados às lides campesinas.⁴

No Rio Grande do Sul estes imigrantes demonstraram notável progresso. Em Santa Cruz, por exemplo, habitada por grande número de pomeranos, houve tal progresso que a Província decretou a emancipação da Colônia em 1877, isto é, apenas 18 anos após sua fundação. Nova Petrópolis, colônia provincial fundada em 1857, recebeu povoadores de quatro grupos étnicos distintos: de Munsrück, saxões, boêmios e pomeranos. Estes últimos mostraram maior adaptação e progresso por causa de sua grande capacidade e dedicação ao trabalho, somados à fertilidade do solo, tornando-se em pouco tempo colonos abastados.⁵

Organização. .. Rheingantz construiu barracões para acomodar os primeiros habitantes até terem condições de se transferir para seus lotes coloniais. Posteriormente os já radicados hospedavam aos recém chegados, até que estes por sua vez tivessem condições de ocuparem sua própria terra. Procedimento idêntico ocorreu em outras colônias alemãs da Província. Em Venâncio Aires, por exemplo, os colonos receberam hospedagem, alimentação e bons conselhos dos vizinhos mais próximos a seus lotes rurais, enquanto o chefe da família desmatava um pedaço da selva e construía a primeira choupana na clareira.⁶

A abertura de estradas era tarefa dos colonos, auxiliando Rheingantz com material e ferramentas. O Governo Provincial encarregava-se apenas das estradas intermunicipais, utilizando mão de obra, remunerada, do imigrante. As estradas interioranas ficavam sempre a cargo dos colonos, que retraçavam o travessão original e retilíneo de acordo com necessidades topográficas. A simples conservação do travessão exigia uma semana de trabalho anual; o alargamento consumiu mais de 20 dias para os moradores de Linha Cecília, no município de Venâncio Aires.⁷

Por falta de funcionários, Rheingantz acumulou as funções de diretor-administrativo com as de juiz e provedor de recursos. Isto agradou aos colonos, ex-servos habituados a ver o senhor da terra tomar todas as providências e distribuir justiça em sua propriedade.

Rheingantz tinha visão de economista, pelo que mandou construir armazéns para colocação dos produtos coloniais, inicialmente permutados por artigos não produzidos na colônia. Descentralizou serviços, delegando parte de suas tarefas a representantes eleitos pelas diferentes picadas. Em 24 de junho de 1862 os colonos das Picadas Cachoeira, Moinhos, Roça, Bom Jesus, Antas e Quevedo, reunidos na sede administrativa (residência do diretor) elegeram seus respectivos inspetores, aos quais cabiam as seguintes atribuições:

- conservar a estrada em bom estado: 14 braças para estrada e 8 braças livres de mato, nas laterais,
- harmonizar desinteligências,
- comunicar ao diretor os casamentos, nascimentos e óbitos,
- tornar conhecidos editais do diretor,
- zelar para que os moradores mandem os filhos às aulas com regularidade.

Aos colonos competia:

- pagar anualmente 2\$000 pró conservação da estrada,
- resolver com o inspetor as desinteligências existentes entre eles,
- comunicar casamentos e óbitos,
- observar o Regulamento da Igreja ou escola que se fundar.

A eleição do inspetor da colônia era bi-anual ou anual; em algumas localidades havia dois inspetores.

Escola e Igreja. A maioria dos pomeranos eram analfabetos ou pouco letrados. Apesar disso, 36 moradores de Picada Moinhos se reuniram em casa do diretor em 1862 — seis anos apenas após a sua chegada — e decidiram fundar uma escola, para o que concretizaram as seguintes providências:

- terreno doado por Rheingantz,
- 10\$000 de contribuição, por colono, pró construção,
- caixa de dinheiro sob a guarda do diretor da Colônia,

— escolha da Comissão encarregada da construção.

A escola, construída com o esforço dos moradores, recebeu telhas doadas pelo empresário. Funcionou desde março de 1863, obrigatória para crianças entre 7 e 13 anos, cujos pais pagavam 800 réis mensais a professor — um dos colonos escolhido para o cargo.

Em 24 de outubro de 1877 Carlos Guilherme Rheingantz, o primogênito do então falecido fundador da Colônia, em um amplo Relatório inventariou à Província a situação em que a mesma se encontrava. Com relação à escolarização, informava existirem em toda a Colônia 16 escolas particulares e uma pública, esta acéfala. Apenas duas possuíam professor com preparo para a função; todos os demais eram colonos sem habilitação, com boa vontade mas carentes de recursos para o desempenho eficaz de sua missão. Apenas dois professores dominavam a língua portuguesa e só um deles a ensinava em aula; a quase totalidade da população desconhecia o idioma nacional.⁸

Quanto à religião, o panorama não era mais alentador. Em 1866 havia 1377 protestantes e 360 católicos, num total de 340 famílias.⁹ Os católicos possuíam duas capelas, esporadicamente atendidas por missionários alemães que transitavam pela Colônia. Os protestantes não possuíam templo, mas dispunham de um ministro, pastor Schmidt, ex-alfaiate, sem estudos teológicos, mas com autorização provincial para o seu ofício. Cada duas ou três semanas este senhor percorria as diferentes picadas, fazendo pregação e celebrando ofícios nas sedes das escolas; recitava "fórmula decorada contra o competente pagamento", sem ter condições de transmitir aos colonos verdadeiramente formação religiosa ou moral.

Em 1865 Jacob Rheingantz doara 6.000 braças quadradas de terra a cada uma das religiões acima, destinadas à construção de capelas ou templos. A partir de então, entretanto, datam manifestações de discórdia entre colonos e o diretor, evoluídas do problema religioso para o referente a questões de terra.

Desordens. Após a doação de terras por Rheingantz, diversos colonos dirigiram-se à capital da Província pedindo subvenção ao Governo, pró construção de suas casas de oração. Este informava que só contribuiria se os interessados dispusessem de 50% dos recursos necessários. É provável que novas investidas tenham sido feitas, pois Rheingantz recebeu correspondência do Diretor Geral de Colonização, pedindo-lhe que evitasse a vida de indivíduos de

sua Colônia a Porto Alegre, solicitando donativos pró construção de igreja ou templo, pedidos estes que cabiam a ele, diretor, encaminhar ao Presidente da Província.

Em seu relatório anual de 1866, já citado, Carlos von Koseritz informava que São Lourenço vinha sofrendo "com intrigas e perturbações de ordem pública, provocadas por indivíduos de más tensões, que valendo-se de pretextos religiosos, tem sabido semear a discórdia". Conseguiram eles manipular descontentamentos, canalizando-os, em fins de 1867, para questões referentes à compra e medição de terras. PELLANDA é categórico em incriminar Rheingantz, afirmando que as desordens então ocorridas foram "motivadas pela ganância dos empresários sobre as terras vendidas aos colonos, pagas e não regularizadas.¹⁰

Após diversas queixas recebidas naquele ano, o Governo Provincial deslocou um destacamento policial da cidade de Pelotas, sob o comando do Tenente Dirceu Marinho de Sá Queiroz, para apaziguar a Colônia. Autoritário e sem dominar o idioma alemão, o oficial afixou, em 25 de novembro de 1867, uma proclamação que irritou os colonos, agravando os descontentamentos: proibiu o porte de armas, o ajuntamento de mais de três pessoas e a realização de bailes públicos, sem prévia autorização

Ora, o colono alemão era apreciador de bailes e além disso gostava de se reunir nas vendas, para conversar e para diversos tipos de jogos (cartas, bolão), de sorte que a medida coercitiva de Queiroz, usada pelos elementos perturbadores, serviu como estopim da revolta. Na véspera do natal de 1867 um grupo de colonos invadiu a sede administrativa da Colônia, realizando um quebra-quebra na residência de Rheingantz e exigindo-lhe a assinatura pela qual se comprometia quitar dívidas de terras que os colonos julgavam ilícitas.

O empresário e sua família, ameaçados, abandonaram a Colônia, seguindo para a Vila de São Lourenço e daí para Rio Grande. Em janeiro de 1868 o Presidente da Província, Homem de Mello, enviou o Brummer¹¹ Barão von Kalden à Colônia em anarquia, com a missão de restabelecer a ordem. Diretor da Colônia de Santo Ângelo há 10 anos, tinha domínio sobre a problemática habitual de uma colônia teuta.

Cinco elementos desordeiros foram removidos para Pelotas, julgados e, ao que parece, banidos da Colônia, de conformidade com o art. 7 do Regulamento 3784, de 19 de janeiro de 1869. O inquérito instalado revelou as seguintes acusações dos colonos:

— venda de lotes rurais de 100.000 braças quadradas a 400\$000 e 500\$000, quando circular distribuída na Europa prometida esta gleba por 300\$000,

— recibo passado por metade do valor real cobrado pelos lotes coloniais (200\$000 e 250\$000),

— cobrança de 5\$000 pela passagem de Rio Grande à Colônia de São Lourenço, quando a mesma devia estar contida no valor da passagem transatlântica,

— irregularidades no preço da passagem, não descontando o empresário quantia equivalente àquela que recebia de subvenção governamental, e ainda,

— cobrança de passagem inteira por criança menor de um ano de idade, isenta de pagamento.¹²

Um mês após a abertura do inquérito, em correspondência às autoridades provinciais, Kalden centrava o descontentamento dos colonos na imperfeita e irregular demarcação de lotes rurais, mandada proceder por Rheingantz e executada por pessoa não habilitada. Em réplica, o Presidente da Província determinou a Kalden:

— mandar proceder à demarcação dos lotes rurais, tanto os situados em terras adquiridas do Governo como de particulares, colocando-se marcos permanentes nos ângulos dos lotes,

— determinar compensação monetária no preço dos lotes rurais, devendo ocorrer pagamento ou devolução de dinheiro, conforme a área das terras exceda ou não alcance as 100.000 braças quadradas,

— mandar correr as despesas da nova demarcação por conta do empresário, conforme o contrato de 1856. O Governo adiantava a verba necessária às medições, a ser reembolsada por Rheingantz.¹³

— providenciar para que o empresário passe título legal de propriedade aos colonos, no qual conste a área total do prazo, seus limites e o preço pelo qual foi adquirido.

O agrimensor Julio Delhães realizou a trabalho demarcatório, colaborando os colonos com mão de obra gratuita, costume difundido nas colônias teutas.

Correspondência de 29 de maio de 1869 à Diretoria Geral de Colonização informou haverem serenado os ânimos. O trabalho demarcatório prosseguiu e questões judiciais se encaminhavam para solução. Assim, por exemplo, em outubro daquele ano, houve devolução judicial do lote rural de João Link, privado do mesmo em favor de Felipe Schneider. Entre o colono Carlos Neugebauer e o empresário ocorreu termo de conciliação: o primeiro havia comprado um lote de 100.000 braças quadradas por 400\$000; a medição provou a extensão real de 83.215 braças quadradas, pelos

quais o imigrante pagou 250\$000, recebendo título de propriedade de Rheingantz.

Barão von Kalden havia regressado à testa da Colônia de Santo Ângelo (atual Agudo) em meado de 1868, após a Comissão de Inquérito haver encerrado suas atividades, em janeiro do mesmo ano. Em outubro de 1869 o Diretor da Colônia de Santa Cruz, Affonso Mabilde, deixava seu cargo naquela Colônia para assumir a administração de São Lourenço, pago às expensas de Rheingantz, conforme previsão contratual.

Expansão territorial. Rheingantz desde 1868 retomara residência e a administração de sua Colônia. Em agosto de 1870 foram-lhe destinados dois Livros de Registros, para assentamentos de nascimentos, casamentos e óbitos.¹⁴ Parece, entretanto, que tais livros não chegaram a uso efetivo, pois no já citado Relatório de 1877 informava o primogênito de Rheingantz sobre a existência dos competentes registros, solicitando à Província nomeasse um funcionário credenciado, de conformidade com o art. 6 do Regulamento 5604, de 25 de abril de 1874.

Em junho de 1868 chegavam 30 novos colonos da Europa, ocupando lotes demarcados às expensas de Rheingantz; no mês seguinte, nova leva de uma centena e meia de imigrantes, seguida de outras, forçaram a expansão da colônia.

No início da década de 1870 alguns particulares, entre eles Antonio José Gonçalves Chaves, reclamavam invasão de colonos em terras de sua propriedade. Rheingantz solicitou a intervenção da Província, através da Diretoria Geral de Colonização, mas esta opinou ser a questão da alçada judicial. COARAÇY informa que Rheingantz recebeu algumas terras do Governo, em troca de outras que lhe foram vendidas como sendo devolutas, mas que já possuíam proprietário. Tratava-se de uma superposição de terras, fato não isolado na fase de povoamento do solo rio-grandense.

Em 1869 Rheingantz adquiriu de Felisberto Inácio da Cunha meia légua quadrada de terras, em Serrito. Dois anos após, comprou de Manoel Mathias de Terra Velho, 1/4 de légua de frente por 1/2 légua de fundos, entre os arroios Grande e Pimenta. Ambas estas áreas foram demarcadas judicialmente, a rogo, no anos de 1874 e 1875. Quatro léguas quadrada adquiridas em 1873, na Serra dos Tapes, na relidade possuíam área menor, conforme demarcação procedida pelo Comissário de Terras em Pelotas, Luiz Augusto Pereira de Campos.

Apesar de todos cuidados, uma questão de terras ficou pendente até 1893, quando o Congresso Nacional aprovou projeto de lei n.º 242, creditando 114:977\$843 aos herdeiros de Rheingantz, por áreas cedidas e não entregues ao empresário.

A área inicial de 8 léguas quadradas de 1856, foi acrescida ao longo dos anos em 50% de sua superfície, atestando o espírito pioneiro e empreendedor de Rheingantz. desenvolvimento sócio-econômico atual da região, inserida na economia local, diz da validade de iniciativa.

Desenvolvimento econômico-profissional. Da agricultura de subsistência, São Lourenço passou a colocar no mercado exportador os excedentes de produção. Pelotas e Rio Grande, além dos municípios vizinhos de Cangussú e Piratini, constituíram o principal mercado consumidor, ampliado através do porto de Rio Grande para o Rio de Janeiro e Montevideú. PELLANDA traduz em espécie e cifras o crescimento econômico de São Lourenço, conforme quadro demonstrativo abaixo:

artigos	1859		1864		1878		
	anos	1859	1864	1864	1878	valor	
feijão	234	alq.	960	alqueires	43000	sacos	258:000\$000
milho	946	"	8000	"	100000	"	200:000\$000
batatas	182	"	13800	"	110000	"	165:000\$000
cevada	110	"	900	"	5000	"	15:000\$000
trigo	59	"	900	"	1000	"	5:000\$000
centeio	37	"	900	"	—	—	—
manteiga	—	—	960	libras	3500	libras	2:750\$000
ovos	—	—	8600	dúzias	—	—	—
aves	—	—	2500	unidades	—	—	6:000\$000
toucinho	—	—	24	arrobas	—	—	—
banha	—	—	—	"	1000	arrobas	12:000\$000
lentilhas	—	—	—	"	50	sacos	250\$000
ervilhas	—	—	—	"	60	"	300\$000
favas	—	—	—	"	50	"	150\$000
mel	—	—	—	"	5000	libras	150\$000
cera	—	—	—	"	260	"	130\$000
TOTAL							644:730\$000

Produção agrícola da Colônia de São Lourenço
(in PELLANDA, op. cit., p. 149-150)

A par das atividades agrícolas, Carlos Rheingantz aponta a existência de uma variedade de profissionais no ano de 1877:

16 negociantes, 12 carpinteiros ou marceneiros, 10 ferreiros, 6 moleiros (5 moinhos d'água e 1 a vapor), 4 curtidores, 4 seleiros e 3 pedreiros.

Era comum encontrar-se nas colônias teutas atividades paradas às lides agrícolas. Jean Roche, Aurélio Porto, apenas para citar alguns autores, fazem ampla referência ao fato. Em Venâncio Aires, por exemplo, na localidade de Sampaio, havia entre os 470 habitantes à época de seu jubileu de ouro, em 1923, os seguintes profissionais:

5 alfaiates, 3 dentistas, 3 ferreiros, 3 hoteleiros, 5 marceneiros, 3 moleiros, 3 oleiros, 3 parteiras, 3 sapateiros, 3 seleiros, 2 curtidores, 2 funileiros, 1 fabricante de gasosa e 1 serralheiro.¹⁵

Eram atividades profissionais trazidas da Europa e reativadas no início da colonização, para suprir recursos inexistentes, numa tentativa de subsidiar rendimentos familiares. Careciam de planejamento, de capital e de mercado consumidor, e geralmente sucumbiam com o progresso dos meios de comunicação (estradas) que ligavam as colônias ao centro maior, fornecedor de produtos industrializados. Só muito poucas evoluíam para indústria.

Indústria têxtil. A indústria teuta, com sede principalmente nos centros urbanos, teve seu início de desenvolvimento no Rio Grande do Sul a partir da segunda metade oitocentista. Jean ROCHE enumera um total de 34 estabelecimentos industriais existentes em 1874, entre serrarias, marcenarias a vapor, fundições, fábricas de vinagre, de azeite e de charutos.¹⁶

Naquele mesmo ano Jacob Rheingantz fundava em Rio Grande a primeira indústria têxtil, a **Rheingantz & Cia.**, que já no ano seguinte figurava na Catálogo da Exposição Provincial e integrou com brilho a Exposição Brasileiro-alemã realizada entre 4 de outubro de 1881 e 5 de fevereiro do ano seguinte, no Campo do Bom Fim (atual Parque Redenção), em Porto Alegre.

Empregava este estabelecimento pioneiro "somente matéria prima da Província, creoula ou mestiça, adquirindo-a em bruto e transformando-a em suas oficinas."¹⁷ Fabricava cobertores e baetas coloridas, flanelas, chales, casemiras, panos. Empregava além dos operários da fábrica, os detentos da cadeia civil de Rio Grande, que livravam a lã dos carrapichos, e órfãs do asilo, que teciam as franjas dos xales.

A fábrica teve seqüência nas mãos do filho, Carlos Guilherme Rheingantz que, associado temporariamente ao sogro Miguel Tito de Sá e ao alemão Hermarin Vater, a ampliou e modernizou. Paralelamente desenvolveu a Fábrica de chapéus Pelotense, adquirida naquela cidade. Em 1883, por premiação imperial, Rheingantz recebeu a Comenda da Ordem da Rosa. A esta época acrescentou a tecelagem de algodão à de lã. Na década de 1890 evoluiu para Companhia União Fabril e Pastoril, ingressando no ramo da produção própria de lãs através da aquisição de um plantel selecionado de roedores, supervisionado por técnico inglês.

A Revolução de 1893 dizimou o rebanho, interrompendo a promissora atividade pastoril da empresa. Em 1896 a indústria Cia. União Fabril possuía três fábricas: uma de tecidos de lã, uma de tecidos de algodão e uma de aniação, ocupando um total de 900 operários. A Fábrica de Chapéus ocupava 220 operários.

A par do desenvolvimento técnico, a empresa de Rheingantz se destacou desde seus primórdios por um espírito assistencial, num pioneirismo de meio século com relação às medidas previdenciárias do país: Sociedade de Mutualidade, com assistência médica, farmacêutica, auxílio pecuniário, auxílio para casamento, amparo a filhos, morte e viuvez; Cooperativa de Consumo (2.000 associados na década de 1950), armazém de gêneros alimentícios, restaurante, biblioteca, atendimento ao setor esportivo com campo e instalações para futebol, basquete, volei, bolão, bilhar, tenis de mesa, ping-pong, salão de festas,...

Após Carlos Rheingantz, falecido em 1909, e até a década de 1960, o estabelecimento industrial continuou em mãos de familiares; Dr. João Rheingantz, Curt Rheingantz e Erwin Carneiro Becker, respectivamente filhos e genro de Carlos. Formou tradição em acabamento esmerado, executando inclusive tapetes a mão. Sua fama ultrapassou as fronteiras nacionais.¹⁸

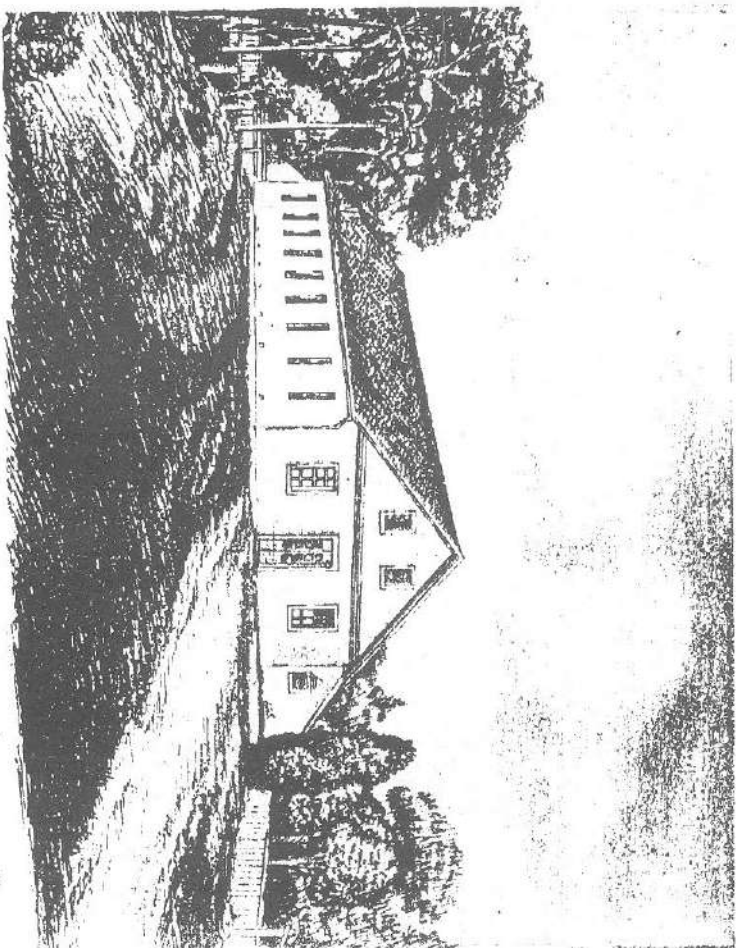
Quanto à Colônia de São Lourenço, fundada há 185 anos pelo imigrante que trocou a gerência empresarial da Firma do sogro por um empreendimento colonizador, contribui hoje vivamente para a economia agro-pecuária regional e estadual. O nome do fundador — Jacob Rheingantz — consta entre os homens que, com arrojo e larga visão, forjaram o povoamento e a economia do Rio Grande.

Muitos descendentes dos pioneiros da Colônia de São Lourenço procuraram o centro urbano e dedicam-se hoje a atividades comerciais e industriais, em toda a sua gama de variedades. Só para citar

um exemplo, a indústria de compotas pelotense em sua maior parte está em mãos de descendentes dos imigrantes alemães, fornecendo produtos de primeira qualidade a um mercado consumidor que ultrapassa fronteiras geográficas do país.

NOTAS:

- 1 COARACY, Vivaldo: A Colônia de São Lourenço e seu Fundador Jacob Rheingantz, São Paulo, Saraiva/1957.
- 2 RHEINGANTZ, Carlos Grandmann: Jacob Rheingantz, separata da Rev. Genealógica Brasileira, São Paulo, Ano II/1941, p. 227-278.
- 3 ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, Rio de Janeiro, IBGE/1959, Vol. XXXIV, p. 280-282.
- 4 HUNDERT JAHRE DETUSCHTUM IN RIO GRANDE DO SUL, 1824-1924, Porto Alegre, Tip. do Centro/1924, p. 85-86.
- 5 SCHMITZ, Pe. Antônio: Uma Nova Imagem para Nova Petrópolis, Roma, Tip. Gregoriana/1975, p. 53.
- 6 SCHEIBLER, Josef: Vor 50 Jahren, in SAMPAIO, ZUM 50 JÄHRIGEN JUBILEUM, 1873-1923, s/ed./1923, p. 12.
- 7 UMANN, Josef: Memórias de um Imigrante Boêmio, Porto Alegre, EST/1981, p. 63.
- 8 AHRs (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul), Colonização, Diversos, L 283, Dossier 23, Doc. 162: Relatório de Carlos e Maria Rheingantz, datado em Rio Grande a 24.10.1877.
- 9 AHRs, Relatório de Carlos von Koseritz, Diretor Geral de Colonização, ao Presidente da Província Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, em 17.7.1866, p. 14.
- 10 PELLANDA, Ernesto: Colonização Alemã, Porto Alegre, IBGE/1924, p. 34.
- 11 Brummer é denominação genérica do grupo de soldados que lutaram nas guerras de Schleswig-Holstein, em 1848. Imigraram em 1850 para lutarem nas guerras platinas. Espalharam-se pelo território gaúcho, desempenhando funções como comerciantes e professores. Gärtner, Müll, Schimmelpfennig e Brinkmann foram agrimensores e diretores de Colônia. Kalden dirigiu a Colônia de Santo Ângelo por 25 anos (1857-1882) in HUNDERT JAHRE DEUTSCHTUM, op. cit., p. 89-90.
- 12 AHRs, Codice 257 C, Correspondência do Diretor Geral de Colonização, 30.1.1868.
- 13 COARACY, obra cit., p. 34, informa que as despesas de medicação para retificação de limites, atingiram a soma de 9:532\$720, quantia afinal não cobrada ao empresário porque este não solicitara o serviço à Província, o que tornava indevida a intervenção deste.
- 15 ALBRECHT, H.: Fünfzig Jahre Kulturarbeit, in SAMPAIA, álbum cit., p. 3.
- 16 ROCHE, Jean: A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Globo/1969, p. 479-481 e 502-505.
- 17 PORTO, Aurélio: O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Santa Teresinha/1934, p. 219-220.
- 18 ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL, Rev. Paulista de Indústria, nº 41, dez./1955, ano V, p. 198-209.



Solar da família Jacob Rheingantz, na Colônia de São Lourenço. Serviu simultaneamente de residência e de sede administrativa da Colônia



Residência da família Rheingantz, em Sponheim, Renânia, onde nasceu Jacob Rheingantz, a 13 de agosto de 1817.

